



Memória e legado preservados

Presidente da Rede Sarah, Lúcia Willadino Braga diz-se honrada pelo prêmio e destaca a importância de JK para a história do Brasil. Aos 96 anos, Osório Adriano Filho, fundador do Grupo Brasal, comparece à cerimônia e recebe a homenagem

» RAPHAEL PATI

Referência na saúde pública nacional, o Hospital Sarah Kubitschek tem uma história que se confunde com a da própria capital federal. Fundado em 21 de abril de 1960, mesmo dia da inauguração de Brasília e do **Correio Braziliense**, o centro de reabilitação homenageado com o nome da esposa de Juscelino Kubitschek, então presidente da República, nasceu em um prédio simples, de apenas dois andares. Não demorou para tornar-se ícone nacional e internacional, com nove unidades espalhadas pelo Brasil. Diante da importância da Rede Sarah para Brasília e para todo o país, a neurocientista e presidente da rede de hospitais, Lúcia Willadino Braga, recebeu ontem uma das homenagens especiais do Prêmio JK **Correio**

Braziliense, pelo trabalho realizado na saúde do Distrito Federal e que se estende a todo o país. Durante a entrega do prêmio, Braga destacou o legado de Juscelino e de Sarah Kubitschek desde a idealização da nova capital até a concretização do sonho de Dom Bosco. “É uma honra imensa estar aqui neste momento, receber um prêmio tão importante. Juscelino Kubitschek... A importância desse homem nessa cidade, na história do nosso país”, disse a presidente. “É uma honra imensa o **Correio** Braziliense ter sido um parceiro muito grande da saúde, repercutindo informação sobre saúde e as novas pesquisas. Tem sido um parceiro fundamental. Então, todo nosso agradecimento — o meu e de todos os meus colegas da Rede Sarah — por esse reconhecimento”, acrescentou Braga, que recebeu o

troféu das mãos do presidente do **Correio**, Guilherme Machado. Lúcia destacou a importância de fortalecer a saúde pública e o Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo ela, ainda há muita necessidade de melhorias, de gestões mais técnicas e transparentes, além de melhor aplicação de recursos públicos. “Nós precisamos melhorar ainda a capacidade de usar corretamente os recursos públicos (...), as contribuições para manter o sistema de saúde. Precisamos retribuir com um atendimento tecnicamente correto, cientificamente de ponta e, do ponto de vista humano, com toda a atenção, porque cada indivíduo é importante”, pontuou Lúcia Braga.

Candango

Além de premiar figuras notáveis por categorias, o Prêmio JK

Correio Braziliense também reconheceu o pioneirismo e a influência de figuras notórias para a história de Brasília. Nos 65 anos da capital federal, as recordações dos primeiros candangos ainda permanecem vivas na mente de figuras como Osório Adriano Filho, que prestigiou o nascimento da nova sede do governo federal durante o mandato do então presidente Juscelino Kubitschek. Guardião da memória viva dos primeiros candangos que chegaram ao Planalto, no fim da década de 1950 para a construção da cidade sonhada por Dom Bosco e concretizada por JK, o engenheiro e fundador do Grupo Brasal — um dos maiores grupos empresariais do Distrito Federal — foi um dos homenageados na noite de ontem. O troféu também foi entregue ao pioneiro por Guilherme Machado. Uma das figuras mais ilustres da

história da capital federal, o engenheiro de formação chegou a Brasília ainda em 1957, durante o período inicial da construção da cidade. Com 96 anos, ele esteve presencialmente na entrega da premiação, onde recebeu com alegria a homenagem. “Conheci e conheço muita gente, muitos pioneiros, como eu cheguei, três anos antes da inauguração. É um bom tempo e uma satisfação muito grande”, disse, em tom descontraído, o presidente do grupo no momento da entrega do prêmio. Osório ainda se recordou de um momento inusitado durante a inauguração da capital federal, em 1960. “Eu me lembro bem de um repórter naquela época que duvidou se a capital realmente viria para cá. Juscelino, muito inteligente, apenas se ‘acquietou’. Quando inaugurou Brasília, ele mandou apenas um telegrama para esse repórter

dizendo: Brasília foi inaugurada”, contou Osório. Inicialmente, a Brasal surgiu como uma concessionária ligada à Volkswagen. Mais de 60 anos depois, o grupo empresarial possui atuação nos segmentos de construção, bebidas, veículos, venda de combustíveis e produção de energia. Ao **Correio**, o presidente da Brasal disse que não planejava ficar em Brasília após a inauguração da cidade. “O início foi bem difícil. A gente não tinha condições. Foi o esforço de todos os que mudaram para cá (que fizeram a inauguração acontecer)”, disse o engenheiro de formação. Depois de um tempo, ele decidiu ficar, “conquistado” pela capital recém-construída. “Todos que se mudaram para cá se deram bem, porque a maioria ficou. Ficou e fez Brasília crescer. Isso é hoje a nossa cidade. É belíssima”, disse.

Premiados

Minervino Junior/CB/D.A Press



Lúcia Willadino Braga, referência em neurociência

Diretora-presidente da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, psicóloga de formação, musicista desde a infância e neurocientista por vocação, Lúcia Willadino Braga construiu uma trajetória marcada pelo pioneirismo científico e pela inovação metodológica. Tornou-se referência mundial na área de neurociência aplicada à recuperação de lesões cerebrais. Nascida em Porto Alegre, mudou-se para Brasília ainda criança, acompanhando os pais, ambos servidores públicos. Cresceu com a capital em formação e vivenciou, de perto, o ambiente social, cultural e experimental que caracterizou os primeiros anos da cidade. Ela reconhece que isso foi essencial para moldar seu espírito de pesquisa e criação, abrindo espaço para iniciativas inovadoras. A ligação com a neurociência começou quase por acaso. Lúcia Willadino ingressou na Universidade de Brasília (UnB) para estudar composição e regência. Dominava partituras antes mesmo de ler palavras. O modelo interdisciplinar idealizado por Darcy Ribeiro permitiu que cursasse matérias de outras

É uma honra imensa o Correio Braziliense ter sido um parceiro muito grande da saúde, repercutindo informação sobre saúde, sobre as novas pesquisas. Tem sido um parceiro fundamental”

áreas. Foi dessa forma que aproximou música, psicologia e neurologia e encontrou-se nos estudos do desenvolvimento cognitivo. Desenvolveu, ainda enquanto estudante, um projeto de pesquisa que propunha a reabilitação de crianças com lesões cerebrais por meio da composição musical e da manipulação de parâmetros sonoros. O projeto foi aprovado pelo

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e recebeu apoio decisivo do ortopedista Aloysio Campos da Paz, fundador da Rede Sarah. Em 1977, Lúcia começou a aplicar sua pesquisa no hospital e, dois anos depois, foi contratada. Desde então, nunca se desvinculou da instituição. Soma mais de 130 palestras em 76 países, com destaque para seus estudos sobre plasticidade neuronal, interação familiar no processo de reabilitação e o impacto do afeto na recuperação de pacientes com lesões cerebrais. No fim da década de 1990, recebeu o título de doutora honoris causa pela Universidade de Reims, na França, tornando-se a primeira mulher brasileira a receber a honraria. Sob sua gestão, a Rede Sarah consolidou-se como um dos mais avançados sistemas públicos de reabilitação do mundo. Hoje, reúne nove unidades no Brasil e realiza cerca de 1,7 milhão de atendimentos anuais. Casada com o engenheiro Pedro Braga Netto, é mãe de três filhos.

» Giovanna Sfalsin

Minervino Junior/CB/D.A Press



Osório Adriano Filho: ele viu o sonho de Juscelino nascer

O engenheiro civil, empresário e pioneiro Osório Adriano Filho, 96 anos, tem a própria trajetória entrelaçada à história de Brasília. Presidente e fundador da Brasal, um dos maiores grupos nacionais nos setores de construção, bebidas, veículos, combustíveis e energia, ele chegou ao Planalto Central antes mesmo de a capital existir. Formado em engenharia na década de 1950, depois de um período de estudos no exterior, Osório retornou ao Brasil assim que Brasília começava a ser construída. Em 1957, desembarcou em uma região de cerrado ainda inabitável, transformada, à época, em um “gigantesco canteiro de obras”. Para realizar o sonho de Juscelino Kubitschek e tirar do papel o projeto de Lucio Costa e de Oscar Niemeyer, foi necessária uma verdadeira força-tarefa. “Para se ter uma ideia, só o acampamento próximo à Esplanada dos Ministérios abrigava cerca de 4 mil trabalhadores vindos de várias

Vi Brasília despontar e ser o que é hoje: uma cidade que nunca parou de progredir. Entre os pioneiros, havia um ambiente de muita integração, harmonia e confiança”

regiões do Brasil. Faltava de tudo, mas sobrava vontade”, lembrou o pioneiro em uma entrevista ao **Correio**. “Vi Brasília despontar e ser o que é hoje: uma cidade que nunca parou de progredir. Entre os pioneiros, havia um ambiente de muita integração, harmonia e confiança”, disse. Ele também relembra

que acompanhar a construção de Brasília e a materialização do dia-a-dia na Esplanada dos Ministérios, além de participar de sua inauguração, são registros que ficarão eternamente em sua memória. “Outro ponto marcante foi vivenciar o enchimento do Lago Paranoá após participar da construção de sua barragem”, contou. A ligação com Brasília, para ele, é baseada em “orgulho e gratidão” por ter contribuído com a construção da cidade. Foi aqui que encontrou as condições para se desenvolver profissionalmente, formar a família, construir amizades e criar raízes profundas, além de proporcionar uma vida digna, empregos e geração de renda. Em 1963, a experiência acumulada no período levou-o a comprar uma pequena empresa de serviços autorizados da Volkswagen. A partir desse dia, em 17 de agosto daquele ano, nascia a Brasal.

» Giovanna Sfalsin